

# Cinqüenta anos de sonhos e esperanças

Antonio Agenor Briquet de Lemos<sup>1</sup>

*Fatos marcantes ocorridos no país, relacionados à evolução da biblioteconomia e ciência da informação nos últimos 50 anos.*

Nunca é demais lembrar a demora com que o Estado português investiu recursos na criação de instituições educacionais e culturais no Brasil. O que se fez na colônia até a primeira década do século XIX, no campo educacional e cultural, foi por iniciativa exclusiva das ordens religiosas, como é sabido. Depois de 1808 é que começa a terminar aquilo que Antônio Cândido chamou de *hegemonia intelectual dos conventos*. Quer dizer, passaram-se praticamente trezentos anos para que adquiríssemos as primeiras instituições educacionais e culturais, dentre elas as bibliotecas, mantidas pelo poder público. Mas, mesmo a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro e a Independência, alguns anos depois, ou as longas décadas do Segundo Império, nada disso foi capaz de fazer a sociedade brasileira se libertar de todas as mazelas, materiais e espirituais, evidentes ou subjacentes, com que a escravidão impregnou nossa vida social. Entre essas mazelas, a visão elitista do acesso à educação, tida como privilégio reservado a poucos, que se obviamente não incluíam escravos tampouco incluíam, até praticamente nossos dias, a massa do proletariado urbano ou rural.

São passados 189 anos, desde que em 13 de maio de 1811, o príncipe regente Dom João inaugurou a Biblioteca Real, no Rio de Janeiro, primeira ação do Estado português no campo das bibliotecas na colônia que há pouco virara metrópole. Mesmo assim, assinala-se, essa biblioteca chegara ao Brasil como a biblioteca do rei. Assim, é sobre um terreno até então praticamente sáfaro para instituições culturais de natureza democrática, que não fossem de uso exclusivo de uma minoria ou de segmentos política e economicamente dominantes, que se irá formar o pequeno universo de nossas instituições bibliotecárias. Assim, foi ao longo de menos de 200 anos que se foram plasmando, pouco a pouco e muito lentamente, os elementos que iriam configurar nosso universo bibliotecário.

Nas primeiras décadas deste século, assinala-se a ação desenvolvida pelo Estado Novo, principalmente com a criação do Instituto Nacional do Livro - INL - que teve enorme importância na criação e manutenção de inúmeras bibliotecas públicas e

<sup>1</sup> Atualmente dirige a editora Briquet de Lemos / Livros, em Brasília, onde mora desde 1968. Foi bibliotecário-editor do Centro Pan-Americano de Febre Aftosa, da Organização Pan-Americana da Saúde (1961-1968), professor do Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, onde ingressou em 1968. Licenciado da universidade, organizou e dirigiu o Centro de Documentação do Ministério da Saúde (1979-1984) e foi diretor do IBICT (1985-1989). Aposentou-se em 1992 quando era diretor da Editora Universidade de Brasília. Foi presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia (1971-1974), tendo sido responsável pela instalação desse órgão em Brasília.





- Construção de várias bibliotecas universitárias, muitas delas concretizando a proposta de centralização dos serviços bibliotecários.
- Envolvimento crescente de órgãos de financiamento da pós-graduação e da pesquisa em atividades de apoio à informação científica, tanto em âmbito federal quanto de alguns estados.
- Formalização de mecanismos de fornecimento de cópias de artigos científicos entre bibliotecas universitárias e especializadas.
- Participação de algumas unidades de informação nacionais em redes/sistemas de informação especializada de alcance regional ou internacional.
- Implantação dos sistemas internacionais de codificação de livros e periódicos, a saber, o ISBN e o ISSN, e de atividades de catalogação na publicação.
- Implantação de atividades de automação de bibliotecas e bases de dados informatizadas.
- Implantação do Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas.
- Implantação, a partir da década de 1970, de algumas redes de acesso limitado a bases de dados, e, a partir de 1995, uma crescente presença de bases de dados e catálogos em linha de acesso público na Internet.
- Construção ou reforma de prédios de algumas bibliotecas públicas estaduais ou municipais.

Como dissemos, a lista acima contém fatos marcantes. E marcantes do ponto de vista do autor. Os leitores poderão ampliar ou reduzir a lista, a seu gosto. A intenção aqui foi apenas de exemplificar positivamente, para assinalar que este meio século não passou em brancas nuvens para as bibliotecas e os bibliotecários

Mas, à lista de fatos marcantes podemos contrapor a de fatos desmarcantes. Por exemplo:

- A inexistência de uma lei federal que defina uma política para o setor de informação, inclusive as bibliotecas.
- A permanente carência em que vive a Biblioteca Nacional, sujeita a caprichos das sucessivas administrações e sem que possa assumir plenamente seu papel no quadro da biblioteconomia brasileira.
- A situação, na maioria dos casos desoladora, das bibliotecas públicas e a quase inexistência de bibliotecas escolares.
- As insuficiências de recursos financeiros e humanos em quase todas as bibliotecas financiadas pelo poder público, seja ele federal, estadual ou municipal.
- A implementação de projetos sem garantia de respaldo institucional, muitas vezes em franca competição com instituições já estabelecidas, ou os arroubos *planificadores* ou *racionalizadores* que, carentes de razão lógica ou justificativa socialmente legítima, fenecem na mesma proporção em que fenece o entusiasmo ou a força política de seus responsáveis.
- Uma generalizada e equivocada idéia, particularmente entre os responsáveis por bibliotecas públicas, de que o livro é algo que se ganha, que é doado, que basta escrever para as editoras, pedindo, que elas dão.
- O fosso de dimensões crescentes entre os que se consideram

superqualificados para ensinar à *plebe ignara* da graduação e o *baixo clero* formado por professores de início de carreira (nem sempre) e a quem compete arcar com a maior carga de atividades em sala de aula.

- O enraizado corporativismo e às vezes carência de princípios democráticos de atuação de conselhos responsáveis pela fiscalização do exercício profissional.
- A enorme fragilidade das associações e sindicatos de classe.
- Uma produção intelectual modesta, onde, geralmente, pouco se faz presente a criatividade ou o refinamento das idéias. No setor da produção de livros de texto, voltados para a graduação, a quantidade do que se produz não é proporcional à massa de docentes e profissionais com alto nível de qualificação e experiência com que hoje conta o país.
- A submissão acrítica a modismos não só no campo da teoria, mas também da prática. Assim, se ultrapassamos a fase da documentação, que era tida como *salvação da lavoura*, quando todos os órgãos públicos queriam ter seu órgão de documentação, embora nem sempre houvesse noção clara do que pretendiam, conseguimos também ultrapassar a fase em que a microfilmagem resolveria muitos de nossos problemas, a fase dos *sistemas de informação*, lindamente arquitetados no papel, mas tão reais quanto um castelo de cartas, até, enfim, chegarmos à época atual do computador e dentro desta ao advento das bibliotecas digitais, eletrônicas ou virtuais... Passamos por todas essas fases sem que, de cada uma, tivéssemos conseguido assimilar suas possibilidades e virtualidades e sedimentar experiência para a etapa ulterior. Há quantos anos se fala de automação de bibliotecas, por exemplo? (Pelo menos, desde que chegaram ao Brasil as máquinas Hollerith, depois da Segunda Guerra Mundial). No entanto, quando surge, com a Internet, a possibilidade de abrir para o público mundial o acesso a esses catálogos, assistimos a um desfile de problemas de insuficiências que, com as exceções de praxe, nos levam a suspeitar que muito do que se havia feito até agora em matéria de informática bibliotecária ou era um blefe ou era uma irreabilidade.
- A lenta e ainda problemática aceitação do trabalho interdisciplinar e de uma interação mais conseqüente com os profissionais de áreas afins, como a arquivologia e a museologia.

Tantas deficiências não são apanágio das bibliotecas e da biblioteconomia, nem dos bibliotecários, bem o sabemos. Uma das perversidades do nosso tipo de organização política e social é a de não tornar universal a eficiência na prestação de serviços de qualidade, em todas as instituições e para todos os tipos e níveis de usuários. Nossas instituições, particularmente as de natureza social, formam um imenso queijo suíço, em que os furos, que são inúmeros, correspondem ao que é ruim e as partes densas, que se interligam, correspondem ao que deu certo e funciona satisfatoriamente. E às vezes sentimos um calafrio ao rezear a possibilidade de os furos irem se multiplicando às custas do desaparecimento das áreas densas.

Na realidade, a condição das bibliotecas brasileiras, particularmente as públicas, ainda deixa tanto a desejar, *mutatis mutandis*, quanto nos idos de 1943, quando Rubens Borba de Moraes, pela primeira vez na história de nossa biblioteconomia, problematizou argutamente a situação dessas instituições.

Ao cometer a ousadia de apontar esses fatos, positivos e negativos, quero

esclarecer que o faço porque tive a oportunidade de, desde 1953, quando comecei a trabalhar numa biblioteca, na condição de simples mensageiro, mal completara os quinze anos de idade, ter estado convivendo com a prática bibliotecária. Assim, são nesses 47 anos de ator, e, principalmente, de observador das questões relacionadas com a biblioteconomia brasileira em que me apoio para fazer essas considerações.

Para todos os bibliotecários, esses foram tempos de lutas. Tempos de conquistas, de batalhas muitas vezes surdas pela ocupação de espaço social e político no qual fosse possível erigir bibliotecas vigorosas e úteis para a sociedade. Talvez ainda estejamos longe de alcançar os objetivos pretendidos, mas o fato é que o caminho percorrido, bem ou mal, conta com seus marcos miliários de conquistas efetivas e que dificilmente serão desmanchadas pela incúria ou pela incompreensão quanto aos serviços que as bibliotecas prestam.

Foram tempos de heróis e heroínas. Tempos em que a noção de missão, no sentido orteguiano, se sobrepunha aos formalismos corporativistas, inclusive no meio acadêmico, e ser bibliotecário era estar apto a construir bibliotecas e prestar serviços ao público. Tempos em que ser competente era possuir o saber de experiências feito de que fala o poeta. Tempos marcados por nomes de pessoas, que valiam pelo que sonhavam e pelo que realizavam desses sonhos, quase sempre tendo de enfrentar inúmeras dificuldades e incompreensões. Tempos de posicionar-se contra o arbítrio e comungar nos ideais da luta pela democracia e por uma sociedade mais justa. Tempos onde o fazer não se dissociava do pensar. Tempos de pessoas, feitas de carne, osso e muita indignação, que, sobrepondo-se à adversidade do contexto social e político e de seus condicionantes, souberam compreender as necessidades maiores da sociedade e fazer valer as metas que haviam traçado para sua profissão e para si próprias. Tempos de Etelvina Lima.

***Fifty years of dreams and hopes***

*Highlights facts related to the evolution of Librarianship and Information Science in Brazil in the last 50 years.*

